

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

HISTÓRIA DE UMA ESCOLHA, ESCOLHA DE UMA HISTÓRIA: ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE ELEMENTOS DO NOVO HUMANISMO E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE HISTÓRICA

Lucas Pydd Nechi

Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de um estudo exploratório realizado como parte integrante das investigações de minha tese de doutorado, ainda em desenvolvimento, que possui como objeto de estudo a proposta do novo humanismo de JörnRüsen (2013, 2012, 2009 e 2006) e a aprendizagem histórica de jovens alunos na perspectiva da Educação Histórica (SCHMIDT, BARCA e MARTINS, 2010). Na pesquisa principal procuro investigar como a perspectiva de aprendizagem histórica do novo humanismo se relaciona com a formação da identidade histórica de jovens alunos a partir do estudo de suas narrativas sobre uma escolha em suas vidas práticas – suas trajetórias de vida após a conclusão da educação básica. No presente estudo exploratório buscou-se desenvolver estratégias metodológicas que contribuíssem com a pesquisa principal, a partir do estudo de narrativas de 41 jovens do 3º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná, analisadas a partir do estabelecimento de níveis do sistema de valores do novo humanismo, a saber: dignidade humana, conflitos antropológicos e relação com a natureza – desenvolvidos como tentativa de síntese do pensamento de Rüsen sobre o assunto. Como resultado obteve-se que a grande maioria dos jovens inqueridos após o ensino médio pretende cursar faculdade, tendo suas escolhas sido influenciadas pelos mais diversos fatores, porém com pouco destaque para os conceitos substantivos da história. Os textos apontam que somente 12 jovens afirmam-se como relevantes à História, e o restante apresenta-se como alijado da História ou com participações instáveis e de pequena escala. Em relação ao humanismo 8 narrativas dos jovens indicaram preocupações referentes à dignidade humana, e apenas uma com conflitos antropológicos. Além de adaptações no instrumento de pesquisa, das narrativas apresentadas pode-se concluir, numa perspectiva qualitativa, que para estes sujeitos a aprendizagem histórica, tanto em sua forma escolar como de maneira geral, não tem sido um fator decisivo na formação da identidade histórica no que se refere à construção de uma consciência histórica pautada pelos elementos do novo humanismo.

Palavras-chave: Educação Histórica, Novo Humanismo, Aprendizagem Histórica, Identidade Histórica, Consciência Histórica.

Este trabalho tem o objetivo de fundamentar um quadro de análise teórica de narrativas históricas estudadas empiricamente, a partir do pensamento de JörnRüsen(2013, 2012, 2009 e 2006), apresentando resultados de um estudo exploratório realizado com 41 jovens estudantes do

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Instituto Federal do Paraná. Tal fundamentação é parte integrante de uma tese de doutoramento, em fase inicial de construção, cujo foco é o conceito do novo humanismo do mesmo autor. Intencionou-se verificar nas narrativas históricas de jovens alunos se tais sujeitos apresentam elementos semelhantes aos teorizados por Rüsen em sua proposta humanista e, ainda, como estas concepções influenciam na formação e apropriação de suas identidades históricas. Objetiva-se, paralelamente, compreender o conceito de novo humanismo em sua relação com a aprendizagem histórica, inscrita na cultura, entre outras formas, por meio da didática da história.

A investigação qualitativa da aprendizagem histórica de jovens alunos demanda um desdobramento conceitual na teoria da consciência histórica, tendo em vista que o novo humanismo pode ser compreendido tanto como elemento empírico como normativo da consciência histórica dos sujeitos. Rüsen apresenta a ideia do novo humanismo como “esta combinação de um universalismo empírico e normativo da humanidade, sua forma política dos direitos básicos, sua historicização geral e individualização da cultura humana e sua ideia de uma humanidade que forma a si própria em todos os processos educacionais.” (2012b, p.525).

A compreensão deste lócus entre a empiria e a normatividade é essencial tanto para que se atente à profundidade do novo humanismo como também para a estruturação da incursão empírica realizada. Analogicamente, pode-se utilizar a definição dos elementos empíricos e normativos descritos pelo autor em relação à aprendizagem histórica sob a ótica da didática da história. “Empiricamente, a didática da história levanta a questão do que é a aprendizagem histórica; examina os processos reais pelos quais se manifestam as diferentes condições, formas e resultados, o seu papel no processo de individualização e socialização humana.” (2012a, p. 72). Já no aspecto normativo “a didática da história levanta a questão do que deve ser a aprendizagem histórica, e investiga os pontos de vista de que ela, deliberadamente (por meio do ensino) deve influenciar, planejar, moldar, dirigir e controlar.” (2012a, p.72). A partir do que é e o que se ensina que deva ser a aprendizagem histórica, visualiza-se o que é o que deva ser a utilização do novo humanismo como função didática da história.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Porém, neste ponto deve-se destacar que há uma dificuldade vigente de se estabelecer critérios empíricos para pesquisas focadas na consciência histórica. Rüsen relata o desafio cujas pesquisas vêm enfrentando e indica o saber histórico como ponto de partida:

No plano da articulação linguística da consciência histórica surge para qualquer pesquisa empírica, em primeiro lugar, a questão fundamental acerca de que processos de consciência histórica referentes à que enunciados linguísticos são empiricamente acessíveis. O mais simples é começar pelos acervos do saber histórico. Esses acervos são continuamente revisitados. (2012a, P.96).

Assim, ainda no plano teórico, procurou-se relacionar a concepção de novo humanismo com o conceito de identidade histórica que, pertencente à teoria da consciência histórica, estabelece uma ponte com a empiria. A opção por este conceito dentre tantos possíveis é justificada pela intenção de constituir uma pesquisa qualitativa que tenha centralidade nos sujeitos e suas consciências históricas. A identidade histórica circunscreve a consciência histórica, pois os sujeitos a constituem em um processo formativo e se apropriam dela nas diversas relações com os conteúdos do passado.

IDENTIDADE HISTÓRICA E NOVO HUMANISMO

A identidade histórica é um dos três elementos constitutivos da teoria da consciência histórica – juntamente com a memória e com a continuidade – e auxilia na diferenciação entre as narrativas históricas e outras narrativas quaisquer, sejam literárias ou de outros gêneros de linguagem. “A particularidade da narrativa histórica em contraste com o contar e, com isso, também, a especificidade da ‘história’ como um assunto do pensamento histórico é formada pelas três qualidades simbólicas da experiência temporal” (2012a, p.39). Em suma, tais elementos conferem historicidade às narrativas que, por sua vez, são a materialização da consciência histórica dos sujeitos.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Quanto à memória, Rüsen afirma que: “a memória de sua experiência apresenta a variação temporal do homem, e seu mundo no passado (que são interpretados em termos de uma experiência do tempo presente).” (2012a, p.39). Já em relação à continuidade: “significa a representação de um processo abrangente de passado, presente e futuro, no qual se inserem os conteúdos do passado, tornando-se assim, ‘história.’” (2012a, p.39).

A identidade histórica tem um papel diferenciado, estando relacionada com a subjetividade e intersubjetividade dos sujeitos. Narrar histórias é demarcar-se no fluxo do tempo e também assinalar onde se encontram os outros sujeitos e quais são as relações entre si.

A principal razão para que a continuidade das ideias seja formada, é a intenção dos narradores e dos seus ouvintes de garantir suas próprias identidades e as de seus mundos, a partir de histórias contadas no curso das mudanças temporais: a continuidade das ideias deve ser capaz de funcionar como uma reafirmação da identidade humana da mudança no tempo. As histórias são (historicamente) contadas, porque os narradores e sua audiência apenas podem ser e permanecer eles mesmos, quando eles próprios e seu mundo se afirmam em suas identidades ao longo das mudanças no tempo. (2012a, p.39-40).

Rüsen define o conceito de identidade histórica como:

[...] a ligação de várias identificações centralizadas na auto-referência de um indivíduo e de sua comunidade social. Identidade integra as múltiplas objetivações do self humano com suas projeções para o mundo exterior de maneira pela qual a pessoa interessada se torna consciente de si mesmo como sendo o mesmo, único, em todas as mudanças de espaço e de tempo. (2012b, p.532).

Distinta da abordagem realizada pela Psicologia, Antropologia e demais ciências humanas, o qualitativo ‘histórica’ atribui à identidade concepções de si e dos outros culturalmente inscritas e influenciadas por referências do fluxo do tempo e do acúmulo dos saberes históricos. As ideias de Rüsen foram influenciadas por outro historiador alemão, Johann Droysen, que confere à identidade histórica um caráter de potencial emancipação em vista das transformações que os

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

sujeitos podem realizar em suas vidas se lhes forem permitidos a reflexão sobre seu lugar no tempo.

Quando as pessoas, mediante a reflexão de sua consciência histórica, desvelam a gênese histórica do seu próprio mundo, descobrem que as determinações do seu agir, que aparecem como imposições externas, deixam transparecer o espírito que as formou e cuja presença repercute assim indiretamente em seu dia-a-dia. As pessoas adquirem assim sua identidade histórica, e, ao mesmo tempo, transformam as circunstâncias de sua vida, de determinações impositivas do agir, em oportunidades de autoafirmação e autodesenvolvimento. (2012a, p.28)

Ao citar Droysen, Rüsen relembra as contribuições do Iluminismo e do Historicismo à ciência da história, destacando a importância da função didática interna própria ao conhecimento histórico, sendo “necessário elaborar o sentido didático da racionalidade metodológica própria à ciência como meio da formação da identidade histórica.” (2012a, p.30). A didática da história deve realizar mais do que descrições de identidades do passado, mas sim buscar fazer uso das consequências científicas do Iluminismo – no que toca a concepção universalista de humanidade – e do Historicismo – concretizando o conceito de humanidade na multiplicidade das culturas (2012a, p.30), para estabelecer critérios de apropriação da identidade em consonância com os pressupostos da ciência da História.

A identidade histórica de cada sujeito não é constituída em si mesma, justamente em consequência à historicidade a que cada um está inserido. Os sujeitos não se formam alijados do tempo. Também não se pode afirmar que as identidades são copiadas ou que sejam composições similares a outras identidades do passado. A idiosincrasia histórica de cada sujeito permite-lhes possuir relativa autonomia, no sentido de autoafirmação e autodesenvolvimento de Droysen, porém sempre vinculada às circunstâncias históricas do tempo em que se vive. O processo de formação e construção da identidade histórica é, de fato, um processo de apropriação, pois se realiza em um jogo dinâmico de relação com o passado, presente e futuro a partir de critérios que são formados culturalmente e podem ser sistematizados em processos formais de educação.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Empiricamente isto significa que o processo de desenvolvimento da consciência histórica liga-se com a apropriação da identidade histórica dos jovens alunos. Por consequência, normativamente deve-se refletir qual objetivo ou critério centralizador pode ser utilizado para que tal apropriação seja realizada de forma emancipatória. Nas palavras de Jörn Rüsen:

Identidade histórica é coisa totalmente diferente da discussão em torno de liberdade de opinião ou de decisão. Ela está inexoravelmente marcada pelas circunstâncias históricas sob as quais qualquer sujeito nasce. Pela aprendizagem a identidade histórica não é criada, mas apropriada. Lembre-se, a propósito, que o modo da apropriação influencia o formato de cada identidade histórica. (2012a, p.105)

Em contrapartida, pesquisas na área da Educação Histórica vêm apontando que os sujeitos escolarizados que aprendem História de forma estanque, com uma única e etnocêntrica narrativa sobre fatos isolados do passado, estão subjugados a um presentismo que os aparta de formas mais críticas de consciência histórica. Tais pesquisas são destacadas pelas professoras Schmidt, Barca e Garcia ao traçarem o percurso das investigações de Educação Histórica no Brasil e em Portugal (SCHMIDT, BARCA E GARCIA, 2010, p.14-18).

No ambiente escolar, o ensino e aprendizagem de história podem ser constituídos com o objetivo didático do desenvolvimento da consciência histórica e, por consequência, da identidade histórica dos alunos. Neste processo, os conceitos subjetivos superficiais e generalistas, que muitas vezes regem a práxis dos estudantes, perdem força para a materialidade da experiência histórica e suas interpretações.

Trata-se, aqui, de novas dimensões da subjetividade, especificamente didáticas. Elas se referem ao aprendizado histórico como o meio de formação da identidade histórica. Como assim? Na consciência histórica, a posição relativa da subjetividade no manejo da experiência histórica se modifica. Com isso, modifica-se também o modo de constituição da subjetividade como identidade histórica, mediante a interpretação da experiência histórica. A subjetividade perde sua competência de criar regras comportamentais de validade supratemporal. Perde

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

assim seu status de contraponto abstrato à experiência histórica, ou melhor, sua superioridade. (...) Ao invés disso, descobre-se na experiência histórica como vinculada ao tempo e, simultaneamente, livre dele nas perspectivas novas de futuro. (2012a, p.22)

Dentro da tipologia da consciência histórica (2012a) a formação mais ampla, aprofundada e emancipadora da identidade histórica é aquela apropriada a partir de um processo de aprendizagem de sentido genético, que confere uma compreensão mais densa da experiência histórica e instiga uma orientação temporal reflexiva e significativa.

A aprendizagem histórica, desta forma, permite aos sujeitos mudar a si mesmo e a seu mundo, com chances de auto ganho e ganho mundial, não deixando a mudança temporal ser uma ameaça à estabilidade, mas sim trazendo-a para a validade do seu dinamismo interno. Os alunos estabilizam a identidade humana, historicamente, como uma capacidade de mudança e desenvolvimento, pois a representação da continuidade cognitiva necessária será alçada como mudança de direção da experiência histórica. (2012a, p.84)

A visualização desta forma de aprendizagem resultante em uma formação genética da consciência histórica provoca-nos a refletir uma didática da história comprometida com a práxis dos jovens alunos, para que com o auxílio da ciência da História possam se compreender como sujeitos, mais do que vítimas ou reféns de seu tempo vivendo sob um resistente pensamento tradicional, mas sim autores de suas histórias e conscientes dos saberes históricos que tocam o seu tempo presente e influenciam suas escolhas de futuro.

O conceito de humanismo de JörnRüsen é apresentado como 'novo' pois possui a intenção de demonstrar que não se trata simplesmente da retomada dos valores do humanismo renascentista. O autor almeja não apenas valorizar conquistas humanitárias dos últimos períodos históricos como também superá-las em vista da construção de um mundo mais igualitário. Por novo humanismo Rüsen entende:

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Um recurso fundamental e uma referência para a natureza cultural dos homens na orientação da vida humana e um alinhamento desta orientação com o princípio da dignidade humana. Suas dimensões empírica e normativa são ambas universais. O novo humanismo inclui a unidade da humanidade e também sua manifestação na variabilidade e mutabilidade das formas culturais de vida. Ele temporaliza a humanidade em um conceito abrangente da história universal onde cada singular forma de vida em sua individualidade é hermeneuticamente reconhecido. Politicamente ele baseia a legitimidade da dominação e poder dos direitos humanos fundamentais e civis. Ele compreende a subjetividade humana como um processo de autoformação de acordo com a dignidade humana inerente a todos os seres humanos no espaço e no tempo. (2012b, p.524)

A identidade histórica se relaciona com o novo humanismo a partir da singularidade da individualidade humana e do reconhecimento da alteridade e da dignidade do outro. A formação da identidade histórica, à luz do novo humanismo, ensejaria a concretização dos direitos humanos e civis a partir de processos educacionais. Como torná-lo concreto dentro das instituições de ensino e nos currículos nacionais é tarefa de pesquisas da esfera pragmática da aprendizagem histórica. O que se pode afirmar a partir do pensamento de JörnRüsen, contudo, é que a identidade histórica possui fundamental relevância nesse processo.

A apropriação da identidade histórica como meio de consolidação do novo humanismo passa simultaneamente pela tomada de pressupostos da aprendizagem histórica. Entre eles destaca-se a visão multiperspectivada do passado. A valorização e o reconhecimento da humanidade e dignidade do outro, de outras culturas, etnias, identidades de gênero e condições sociais, implica na compreensão das diferentes narrativas advindas de diferentes experiências históricas. As perspectivas antagônicas e os conflitos devem fazer parte da recriação do passado na busca pela identidade presente, não podendo ser mais admitidos os extremos da relativização do passado, por um lado, e do discurso histórico monológico homogeneizante, por outro.

Não se trata mais de categorizações da experiência, valoração e ajuizamento histórico, mas sim de algo como uma 'ética' da orientação existencial por meio de representações dos processos temporais, ou seja, de uma tipologia de pontos de vista e perspetivações históricas. Tal tipologia deveria mensurar e abranger

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

categorialmente o espaço da formação da identidade histórica pela relação com os pontos de vista no processo interpretativo da experiência histórica. (2012a, p.100)

No encontro cultural entre os sujeitos, urge um reconhecimento recíproco de validade da dignidade humana, de alteridade, na qual a identidade histórica de cada um também seja fortalecida. O princípio de reconhecimento se constitui como esta ligação da identidade histórica com o novo humanismo.

O princípio do reconhecimento, que pode regular um discurso no qual se trate da identidade humana, da individualidade dos indivíduos, grupos, povos e culturas inteiras. Identidade é sempre particular, porém ela sobrevive ao ser reconhecida por cada um dos que são diferentes. No discurso intercultural sobre especificidade e validade dos direitos humanos, trata-se também de identidade cultural, ou seja, da particularidade individual de especificidade e alteridade de comunicação entre culturas. E, uma vez que, nessa comunicação, trata-se tanto da 'mesmidade'[*eisengein*] (e sempre também da alteridade do Outro), quanto também daquilo que é contudo comum aos diferentes, à medida em que pertencem à mesma categoria e (...) estão dispostos a atribuir a essa mesma pertença um elevado valor cultural, legal, político e meso religioso e civilizatório, trata-se de fato da universalidade do que é ampla e universalmente humano e da sua expressão cultural específica. (2012a, p.212)

É importante salientar que estas formas de desenvolvimento da consciência histórica tem elevado comprometimento com a orientação temporal das pessoas. A didática da história se afirma, assim, comprometida na formação de sujeitos que orientem suas escolhas em direção a uma sociedade mais humana.

Nessa dimensão intercultural, o pensamento histórico ganha uma orientação para o futuro extraordinariamente forte: ele organiza a experiência histórica do desenvolvimento e do impedimento, da afirmação e da limitação do pensamento sobre direitos humanos e de seus pontos fracos e fortes nas relações sociais e no

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

poder político, à luz de um processo histórico abrangente que aponta para o futuro – para um futuro no qual os direitos humanos e civis se tornarão princípios formadores da identidade cultural na comunicação intercultural. (2012a, p. 212)

Nesta concepção de identidade histórica a aprendizagem histórica é mais do que um contato breve com um passado distante desvinculado do presente, ela de fato envolve “processos de educação e formação nos quais se lida com direitos humanos e civis [e] abordam o desenvolvimento da consciência moral, política e histórica em crianças e jovens.” (2012a, p. 215). Esta formação teria forte efeito na dimensão política da cultura histórica, tendo em vista que por ela “direitos ganham em forma e força como pontos de vista de cada geração que está crescendo e definindo sua própria identidade histórica e política”. (2012a, p. 213).

A relação entre aprendizagem histórica, novo humanismo e identidade histórica, é definida por Rüsen:

Aprendizagem histórica em uma compreensão humanística é o processo de individualização da humanidade no cenário da experiência histórica. Este processo deve ser apresentado de tal maneira que encontre e influencie a auto-referência ou auto-consciência dos aprendizes e suas relações com outros, de forma que eles possam ser capazes de historicizar sua qualidade de ser um ser humano. (2012b, p. 532).

O autor indica uma breve orientação subjetiva de implementação de uma aprendizagem histórica humanista, segundo ele: “isto deve ser feito através de um espelhamento das suas próprias experiências, desejos, esperanças, expectativas e medos na experiência histórica de uma variedade de formas de vida e de suas várias ideias constituídas de humanidade no curso do tempo.” (2012b, p.532). Apesar do direcionamento humanista ter ficado bastante explícito em sua teoria, Rüsen deixa em aberto a estruturação da metodologia de pesquisas empíricas para aproximações com a cultura escolar. Coube na presente pesquisa o estabelecimento de um critério de análise das narrativas que pudesse apontar a relação entre a consciência histórica dos sujeitos, suas identidades históricas e o ideal do novo humanismo.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

SISTEMA DE VALORES DO NOVO HUMANISMO

A partir deste entrelaçamento teórico apontam-se possibilidades de investigações que questionem sobre escolhas de orientação no tempo a partir dos parâmetros da dinâmica do desenvolvimento da aprendizagem histórica. Optou-se por investigar narrativas de jovens sobre suas escolhas pessoais. Os jovens foram indagados a descrever o processo de escolha do que farão ao fim de seu período escolar. Tal questionamento procurou coletar informações de cunho pessoal dos sujeitos que transpasse suas dimensões subjetivas e intersubjetivas no contato com a experiência histórica (2012a, p.104-107). Ressalta-se que o incremento da experiência histórica, subjetividade e intersubjetividade são os objetivos da aprendizagem histórica. (2010, p.48). As questões relacionadas a esta escolha pessoal tão profunda podem auxiliar a compreender como os jovens experimentam sua experiência no tempo e suas interpretações de si e do mundo que embasam suas orientações de escolhas de futuro. As intenções de percurso após a vida escolar podem denotar direta ou indiretamente a atribuição de sentido de vida, na práxis destes sujeitos.

Complementarmente, se constituiu uma análise empírica da consciência histórica dos jovens através de narrativas que relatem quais conteúdos específicos da cultura histórica afirmam ter influenciado significativamente nas suas escolhas e em suas vidas práticas. Tal conteúdo pode ter sido apresentado nas aulas formais de história ou em outros espaços de formação e de aprendizagem. Rüsen salienta que a apreensão heurística dos enunciados linguísticos dos sujeitos deve ser esclarecedora principalmente quanto a “função de orientação exercida pelo modelo de interpretação que estrutura o saber”. (2012a, p.97).

Os jovens foram inqueridos, assim, a partir de dois eixos de questões: a) a história de sua escolha e b) escolhas a partir da História. Em todas as narrativas foram investigados os seguintes elementos do novo humanismo: **dignidade humana, relação com a natureza, conflitos antropológicos e multiperspectividade histórica**. A escolha deste conjunto de elementos como

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

critérios de reconhecimento do novo humanismo busca sintetizar o pensamento do teórico alemão que se expande em várias subdivisões. Os quatro critérios se diferem em abrangência: a dignidade humana na dimensão de cada um dos seres humanos, os conflitos antropológicos na dimensão dos embates entre grupos de seres humanos, a relação com a natureza inserindo o ser humano no contexto ambiental e de sua ligação com seu entorno e, por fim, a multiperspectividade histórica que além de um critério em si, é uma forma de conceber a história, multifacetada e em permanente reconstrução.

A **dignidade humana** é citada por JörnRüsen (2012b) como um princípio fundamental para a definição de seu novo humanismo. É a concepção inalienável do princípio da vida – vida digna – de todos os seres humanos, independentemente de qualquer variável cultural, religiosa ou social. O humanismo é um princípio de defesa e qualificação da dignidade da vida humana no planeta. Tal critério também diferencia o novo humanismo de sua concepção clássica moderna, tendo em vista que sob tais princípios a dignidade mínima de vida de todos os seres humanos não foi estabelecida como prioridade e, em muitas culturas e povos observam-se seres humanos sobrevivendo com as piores condições de habitação, saneamento, higiene, nutrição e tendo seus direitos civis, religiosos e humanos desrespeitados continuamente.

A temática dos **conflitos antropológicos** fez parte dos conteúdos trabalhados em uma das apresentações do professor JörnRüsen na conferência de abertura do IX Heirnet em Julho de 2012 em Curitiba¹ no qual expôs perspectivas de superação de confrontos étnicos, sociais, culturais, de gênero e das mais diversas situações nas quais homens se dividem entre opressores e oprimidos (LAPEDUH, 2013). Os conflitos antropológicos nos remetem às questões culturais que tornam a apropriação e formação da identidade histórica um desafio atual para a cultura histórica (2012b). Devemos insistir nas conquistas dos direitos humanos fundamentais e investir nos conflitos e diferenças que ainda se encontram distantes de solução pacífica. Na aprendizagem histórica a

¹ Conferência “Usos e Abusos da História na Atualidade”, abertura do IX Heirnet em 14 de julho de 2012, na Universidade Federal do Paraná, extraído de LAPEDUH, 2013.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

solução dos conflitos antropológicos significa a valorização da unidade humana na diversidade histórica e cultural.

A reconfiguração do homem em sua **relação com a natureza** não se trata tão somente de adicionar a pauta ambiental na agenda de preocupações da aprendizagem histórica. Rusen propõe uma mudança de concepção desta relação, na qual a humanidade se perceba como parte integrante do ambiente, superando a dicotomia homem/natureza. A desconstrução desta noção exige também a superação da lógica de uso, dominação e exploração de elementos naturais pelos homens.

A **multiperspectividade histórica** como critério de identificação do novo humanismo aponta para o princípio narrativo da histórica como pressuposto de compreensão de múltiplas narrativas e visões históricas em cada fato histórico. Trata-se de transpor as narrativas muitas vezes monológicas dos materiais didáticos e historiográficos, em busca de uma compreensão histórica a partir de evidências e de conflitos de narrativas divergentes. É a aceitação da história como plural e aberta no processo de construção da consciência histórica.

RESULTADOS

Este estudo exploratório contou com a participação de 41 jovens do 3º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná (IFPR), entre 16 e 19 anos de idade, que responderam um questionário durante a aula de História. Tal instituição foi escolhida pela facilidade de ingresso em sala de aula em virtude do professor de História que cedeu o espaço de sua aula ser também pesquisador do LAPEDUH.²

Os jovens são estudantes do Ensino Médio Integrado, modalidade de ensino técnico que possui no currículo algumas disciplinas específicas, além das obrigatórias comuns as demais

² Registro o agradecimento ao professor Thiago Divardim cujo auxílio foi fundamental para a realização deste estudo exploratório.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

modalidades. Os jovens eram de duas turmas: Programação de Jogos Digitais e Engenharia Elétrica. O fato das turmas serem de Ensino Médio Técnico influenciou diretamente os resultados do questionário nas respostas sobre as possibilidades de escolhas após o término da educação básica: muitos acabaram direcionando suas decisões para as profissões ligadas ao curso técnico. Tais escolhas, porém, não tocam substantivamente no objeto desta pesquisa.

O bloco de perguntas que diz respeito especificamente à escolha dos jovens ao término da vida escolar específica apresentou em primeiro lugar, com ampla diferença, o desejo de cursarem uma faculdade, citado por 32 dos 41 inqueridos. Outros 13 assinalaram que desejam entrar diretamente no mercado de trabalho, sem necessariamente cursar uma graduação. Com poucas citações ainda foram citados: fazer cursinho pré-vestibular (4), abrir uma empresa (4), viajar ou fazer intercâmbio (2), outro curso técnico (1), exército (1), pesquisa (1) e estágio (1). Três jovens não responderam esta questão.

Na justificativa da escolha, na qual tiveram a possibilidade de relatar o processo de decisão, diversos fatores de influência foram identificados. O principal fator apontado foi o interesse na área a ser estudada (25 respostas), seguido por um número significativo que atribuem às suas famílias a influência na escolha (16). A preocupação com o retorno financeiro (7) e com a entrada no mundo do trabalho (5) também foram destacadas. Diversos outros fatores de influência foram apontados, a saber: amigos (6), mídia (4), busca por satisfação pessoal (3), experiências pessoais (2), professores (1), busca por inovação (1) e vestibular (1). Dois jovens responderam que o que motivou suas escolhas é a vontade de melhorar a vida de outras pessoas. Três alunos não responderam esta questão.

Mais relevante para esta pesquisa do que os projetos de vida dos alunos é a forma pela qual eles utilizaram formas de raciocínio histórico durante o processo de escolha. A maneira pela qual os alunos pensam historicamente é fundamental nesta escolha que diz respeito à constituição de suas identidades.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Os jovens puderam relatar quais conteúdos do passado foram fundamentais na escolha de seu futuro. Buscando não interferir ou sugerir conceitos substantivos históricos presentes no currículo da disciplina História, a pergunta também possibilitava que qualquer acontecimento do passado pessoal ou familiar pudesse ser mencionado.

Alguns jovens citaram mais de um elemento histórico de influência. Chama a atenção o elevado número de alunos que não conseguiu fazer relação com o passado, apenas com o presente (17 citações ao todo). Nestes casos relataram novamente a preocupação com o mercado de trabalho, com o retorno financeiro e com a possibilidade de exercerem atividades nas quais se sintam bem ou tenham qualidade de vida. Quatro jovens responderam que a história como um todo influenciou sua escolha, sem especificar nenhum momento ou conceito. As trinta e nove citações de conceitos específicos do passado misturam elementos do cotidiano dos jovens, sua vida pessoal e alguns conteúdos trabalhados na disciplina de História. Acontecimentos familiares e no círculo de amigos e o desenvolvimento tecnológico da humanidade (talvez influenciados por serem alunos do curso técnico) tiveram oito citações cada. O desenvolvimento do capitalismo foi citado quatro vezes e o desenvolvimento de jogos digitais três vezes. Nota-se respostas bem ligadas ao passado individual como histórias na internet, escoteiro, matemática, arte, comunicação, papel da mulher no mercado de trabalho, todas com uma citação cada. Já os conceitos substantivos históricos também apareceram de forma dispersa e com poucas citações: revolução industrial (2), guerras (2), história da filosofia (2), história da mídia (2), Era Vargas (1) e modernização do Brasil (1). A dificuldade de relacionar os conteúdos vistos em sala de aula com a vida prática e com sua identidade fica evidente. Os jovens deste estudo tendem a explicar suas escolhas a partir de uma análise mais ligada ao presente e a suas experiências individuais do que a formas de pensamento crítico relacionadas à história da humanidade.

Um dos resultados não esperados e que acabam por complementar a análise qualitativa dos dados diz respeito à forma pela qual os jovens se sentem não pertencentes à história. Uma das questões apresentava uma história em quadrinhos na qual o personagem, um cachorro,

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

relatava a história do planeta como uma narrativa linear até a eclosão da presença de sua espécie no mundo. A questão solicitava que os jovens procurassem narrar a história do planeta assim como o personagem: se inserindo como fator principal e decisivo da história. A intenção inicial era provoca-los para que descrevessem seus desejos e suas influências mais importantes. Porém, muitas das narrativas apresentaram desculpas ou justificativas afirmando que não se sentiam relevantes para a História.

Dos quarenta e um inqueridos, oito não responderam esta questão. Dentre os demais, seis (15%) afirmaram que sua existência não é relevante para o curso da História. A jovem G.S. afirmou “não posso transformar [o mundo], somos tão pequenos”; o jovem A.P.L. também não se compreende como protagonista da história e tem uma visão naturalista das transformações, quando afirma “minha existência não faz diferença mesmo” e “o mundo se transforma por si só”. Outro exemplo da falta de identificação dos jovens é M.M.S. que escreve “qualquer tentativa minha irá falhar. Pois não sou um líder a ser seguido e nem tenho ideias inovadoras”.

Nas narrativas de quatro jovens (10%), eles se apresentam como relevantes historicamente apenas no círculo familiar e de amigos, como o jovem R.G.J., que afirma “Não sou uma pessoa com aptidão para desenvolver algo novo para sociedade. Posso mudar a vida de meus amigos e de minha família.” Outros onze jovens (27%) se apresentam como participantes da história, porém de forma insegura ou condicionada. Ou seja, suas ações e suas identidades não são históricas em si, devendo superar alguma condição externa a eles para que possam pertencer à história. As narrativas nesta categoria são como as de G.J.: “Posso criar uma inovação (...) se eu tiver sorte, mas muita sorte, talvez eu entre para a história”. Relato parecido é o de G.M.S., que cita alguns personagens da história tradicional para explicar sua opinião: “Nem todos são ‘Newtons’ ou ‘FranciscosFerdinandos’, no entanto penso que uma influência ínfima todos geram.”

Assim, é de se lamentar que a maioria dos jovens desta pesquisa quando solicitados a relatarem sua participação na história não se colocam como protagonistas ou autores da história. São vinte e nove narrativas que apresentam a história como dependente da sorte, do acaso, de

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

competências pessoais ou então como algo para poucos. Porém as doze outras narrativas denotam jovens que se percebem como autores da história, capazes de realizarem mudanças significativas para a sociedade.

A jovem S.M., talvez ainda motivada pelos protestos de junho de 2013 no Brasil, afirma: “nossa geração pode conseguir mais coisas com suas manifestações e um modo de pensar diferente”. A jovem E. também cita protestos e foca sua participação histórica na dimensão política: “particpei de protestos de diversos movimentos e que com isso pretendo abrir a mente de outras pessoas e de uma nova sociedade”. O jovem C.F.F., explicando sua escolha por eletrônica demonstra que sua participação histórica pode se relacionar com a inovação em um segmento do mercado: “aí eu entro na história, para ajudar a melhorar instrumentos eletrônicos”.

As narrativas escritas pelos jovens, na materialização de suas consciências históricas, pouco tocaram a temática ou os desafios históricos propostos pelo novo humanismo. A partir da metodologia aplicada, buscou-se identificar em todas as respostas elementos que pudessem ser relacionados com o sistema de valores do novo humanismo. As motivações dos jovens para sua inserção no mercado ou na vida acadêmica neste estudo não citaram nenhuma preocupação com relação da humanidade com a natureza. Dos quarenta e um jovens participantes, trinta e dois não responderam nada que possa ser aproximado das preocupações humanistas. Não se deve apressadamente concluir que tais jovens não pensem ou não se preocupem com tais questões. O estudo qualitativo mostra, entretanto, que ao relacionar a história da humanidade e suas pretensões de vida adulta poucos jovens utilizam os conceitos discutidos em sala de aula na disciplina de História e, mais do que isso, operacionalizam a sua forma de pensar historicamente em um presentismo que não valoriza ou prioriza o princípio da dignidade humana, a superação de conflitos antropológicos e a relação do homem com a natureza. Pouco se nota, ainda, de uma visão multiperspectivada da História.

Contudo, em oito narrativas pode-se identificar a preocupação de tentar fazer de sua história pessoal um esforço de valorização e qualificação das condições de vidas de pessoas menos

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

favorecidas, o que foi contabilizado na categoria da dignidade humana. A jovem J.S.C. afirma: “espero ajudar pessoas, principalmente crianças, como psicóloga”. O jovem G.J. diz que pretende fazer “algo benéfico para a maioria”; a jovem S.M. afirma que “gosto de ajudar as pessoas”; G.M.S. diz que buscará “contribuir para aspectos mais humanos da vida em sociedade”; o jovem J.D. sonha em usar seus conhecimentos de eletrônica para criar próteses eletrônicas para pessoas com deficiência e diz: “minha vida, com muito empenho, poderá ajudar estas pessoas”; o jovem R.A. se coloca na posição de auxiliar na formação de outras pessoas: “como apenas um indivíduo nesta sociedade, posso apenas ajudar as pessoas a entenderem o sistema em que vivemos, para que em um futuro este sistema arcaico deixe de existir.”; o jovem L.J.T. pensa em utilizar sua formação em jogos digitais para contribuir de alguma maneira fazendo as pessoas se preocuparem mais com o “bem estar e diversão do que conflito e guerra”, ainda afirma que intenciona “desejar o bem dos outros e ajuda-los quando possível”.

Especial destaque merece a narrativa criativa e profunda da jovem S.B.A., que foi a única a citar algo relacionado com conflitos antropológicos. No caso, a jovem se diz motivada pela mudança do papel da mulher na sociedade, o que a fez decidir por estudar ciência da computação: “o fato de não haver muitas mulheres na área (fator cultural) me influenciou a lutar por esse reconhecimento.” A jovem diz que pretende trabalhar com algo que possa “ajudar na formação das pessoas”. Ao término de sua narrativa final, onde escreve sobre si mesma em terceira pessoa, demonstra inconformidade com algumas situações postas e se compromete a ser uma pessoa engajada na superação da injustiça: “Ela, essa menina pode não ter alterado sozinha o curso da história. Porém, enquanto ela existir, garanto que não haverá uma só situação sem reflexão, uma regra considerada natural que não será contestada, uma só injustiça, opressão ou omissão jamais partirá da moça que fala de boca cheia e sonha em viver num rpg medieval”.

O objetivo principal deste estudo foi aprimorar as ferramentas de investigação que serão utilizados na pesquisa de minha tese de doutoramento. Após a análise dos resultados muitos

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

caminhos se abrem no intuito de estabelecer uma metodologia de pesquisa que de fato se coadune com as opções teóricas.

A partir deste estudo pode-se notar que as escolhas dos jovens sofrem diversas influências, inclusive históricas, e que dificilmente poderá se apontar qual delas é a mais relevante. A pesquisa principal deverá focar mais no processo de escolha do que nas causas em si.

As respostas também apontaram que uma parcela significativa dos jovens não se identifica como autores da história, sentem-se apenas como coadjuvantes ou submissos a mudanças alheias a si mesmos. Este dado é importante no que se refere à constituição da identidade histórica e da consciência histórica ligada a prospecção de uma orientação temporal. Se os jovens não se sentem autores, o processo de formação humana está visceralmente comprometido. Faz-se necessário então diferenciar quais jovens se posicionam de maneira mais ativa na história e, talvez, buscar aprofundar a investigação com entrevistas complementares posteriores ao questionário, dirigidas a grupos específicos.

O questionário aplicado também não apresentou a opinião dos jovens sobre as pautas do novo humanismo. Pode se fazer uma adaptação do sistema de valores do novo humanismo em conceitos substantivos. A partir da dignidade humana, se questionaria a opinião dos jovens sobre o valor da vida humana na história; dos conflitos antropológicos, a relação entre as pessoas e da relação com a natureza, a consciência ecológica. As respostas daqueles que apresentarem motivações humanistas deverão ser investigadas em relação aos conteúdos da cultura histórica trazidos espontaneamente por eles, sem que os conteúdos históricos estejam presentes na pergunta.

Em suma, este estudo foi fundamental para o avanço da pesquisa de doutorado, na intrincada tarefa de interpretar as respostas dos jovens a luz da teoria da consciência histórica de forma metodologicamente sólida e que possibilite o avanço de outras pesquisas e a qualificação da relação entre ensino e aprendizagem de História.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

REFERÊNCIAS

LAPEDUH – Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica, *Caderno Lapeduh 01: JörnRüsen e Didática da História*. Curitiba, 2013. Cadernos impressos pelo próprio laboratório, não publicados.

RÜSEN, J. Anthropology - axial ages –modernities.in:KOZLAREK, RUSEN, WOLFF (eds).: *Shaping a Humane World*. Bielefeld, Transcript, 2012c

RÜSEN, J. *Aprendizagem Histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba, W.A. Editores, 2012a.

RÜSEN, J. Classical Humanism – a Historical Survey. In: *Approaching Humankind: Towards an Intercultural Humanism*. Taiwan, National Taiwan University Press, 2013.

RÜSEN, J. Formando a Consciência Histórica – por uma didática humanista da história. (2012b) *Antíteses*, Londrina, Vol.5, n.10, p.519-536, jul./dez. 2012b.

RÜSEN, J. *Historizing Humanity – Some theoretical considerations on contextualization and understanding regarding the idea of humanity*. Taiwan Journal of East Asian Studies, Vol.7, N.1.(Issue 13). Junho,2010, p.21-39.

RÜSEN, J Humanism in the Era of Globalization: Ideas on a New Cultural Orientation. In: *Humanism in Intercultural Perspective: Experiences and Expectations*. Bielefeld: Trascript. 2009.

RÜSEN, J. Inter Cultural Humanism – Idea and reality In: *An Insatiable Dialectic*. Cambridge Scholars:2013.

RUSEN, J. Towards a New Idea of Humankind – Unity and Difference of Cultures in the

Crossroads of Our Time. In: *Humanism in the Era of Globalization -An Intercultural Dialogue on Culture, Humanity, and Values*. Essen, 2006.

SCHMIDT, M.A.; BARCA, I.; GARCIA, T.B. *Significados do pensamento de JörnRüsen para investigações na área da educação histórica in: SCHMIDT, M.A.; BARCA, I.; MARTINS, E.R (orgs). JörnRüsen e o ensino de história*. Curitiba, Ed. UFPR, 2010.